

Creches: só 1.900 lugares em SP

Um milhão de crianças menores de sete anos contam em São Paulo com dezesseis creches construídas pela Prefeitura e treze outras particulares. Capacidade total das creches: 1.600 crianças.

O número de mães que trabalham fora é desconhecido, mas, de qualquer forma, a capacidade das creches existentes na cidade é mínima. Das dezesseis da Prefeitura, quinze já foram entregues a particulares, e a restante seguirá o mesmo caminho: estuda-se, para isso, diversos oferecimentos de entidades particulares.

Nos contratos entre a Prefeitura e as entidades particulares, há um item que estabelece que não pode ser cobrado pelo internamento de uma criança mais do que 25 por cento do salário mínimo (NCr\$ 39,00). Cada caso deve ser estudado em particular e nenhuma crian-

ça pode ser recusada sob qualquer pretexto. Além disso, a creche deve ajustar o horário de atendimento às conveniências de trabalho da mãe da criança.

Para as poucas crianças abrigadas nas creches o atendimento é dos melhores: são cuidadas por funcionários especializados e também por um funcionário da Secretaria de Higiene e Saúde. Assistência médica não falta, e são fornecidas quatro refeições diárias: às 8h30, café com leite, pão com manteiga, bolachas e mingau de maizena; às 11 horas, arroz, feijão, carne moída, purê de legumes, fígado, salada de tomates, ovos, peixe e doces; às 15 horas, lanche; e, às 17 horas, sopa de carne com aveia e sopa de macarrão com legumes.

Na única creche ainda controlada pela Prefeitura, a de Guaianazes, estão seten-

ta crianças. Dois clubes de mães funcionam no local, promovendo reuniões quinzenais para estudo do desenvolvimento social das creches.

Mas os números permanecem em contraste: um milhão de crianças menores de sete anos e apenas 1.600 lugares em todas as creches da cidade.

MATERNIDADE

A Maternidade de Vila Nova Cachoeirinha estará pronta até o segundo semestre deste ano. Cerca de 150 operários trabalham na obra em regime de urgência. Ao mesmo tempo, as vias que ligarão o prédio da maternidade às avenidas vizinhas são construídas e ajardinadas as áreas próximas. O prédio da nova maternidade abrigará também moderno pronto-socorro e um posto de saúde. Terá dez enfermarias com capacidade média de duzentos leitos.

Creches, uma

Para uma população de 120.000 crianças até três anos de idade há na capital apenas 29 creches, 16 das quais municipais e 13 particulares.

A informação é da secretaria do Bem Estar Social, dona Suzanna Frank, que está interessada em solucionar o problema da mãe que trabalha.

— As condições de vida da mulher moderna já não são mais as mesmas de há poucos anos. Hoje em dia, a mulher é forçada a sair de casa para, em pé de igualdade com o homem, poder manter a família. Ela já não traz para o lar a sua contribuição auxiliar. Ela forma, com o marido, a força financeira capaz de atender aos filhos em suas necessidades alimentares, educacionais, de saúde, de vestuário e recreação. Muitas vezes, é ela quem ganha mais, quem provê mais e, não raro, é só ela quem mantém a família.

Dona Suzanna Frank disse que «é obvio que, num mundo como este em que se exige da mulher o seu trabalho, a sua contribuição para o desenvolvimento da comunidade e, ao mesmo tempo, exige também que ela cumpra seu papel e seus deveres como mãe, esposa e dona-de-casa, é absolutamente necessária a existencia de entidades especializadas no trato da criança».

— É justamente por esta razão que, paralelamente aos planos da Secretaria do Bem Estar Social em criar um maior numero de creches a fim de atender às exigencias populacionais, estamos realizando encontros de diretores de creches com o objetivo de traçar planos de trabalho e trocar experiencias.

Dona Suzanna Frank fala sobre o I Encontro de Dire-

tores de Creches realizado na Secretaria, dia 3 do mês passado, quando estiveram reunidos todos os diretores de creches, tanto municipais quanto particulares, a equipe técnica da pasta e grande numero de assistentes sociais, ocasião em que foi planejado um curso intensivo a ser ministrado para todo o pessoal das creches. Esse curso foi iniciado no dia 6 e terminará dia 18 de julho.

— O que nos propusemos fazer foi dar um treinamento objetivo ao pessoal, atingindo desde a direção, recreacionistas e pajens, até o pessoal de cozinha, limpeza e lavanderia. Para todos os funcionarios, o curso é o mesmo: noções de psicologia infantil, higiene e saúde, nutrição e cardapio, legislação trabalhista, previdencia social e atividades educativas com as crianças.

Segundo dona Suzanna Frank, essas creches têm capacidade de atendimento para 100 crianças, mas nem todas estão lotadas. «Já constatamos que há uma certa reserva das mães em colocar seus filhos muito pequenos em creches. Elas, quase sempre, preferem deixá-los com a vizinha, no caso de precisarem trabalhar. Por esse motivo, está em nossos planos desenvolver um atendimento especial às mães a fim de que elas possam ver a creche com outros olhos. Se ela é bem equipada, fornece alimentação adequada aos meninos, atendimento medico e atividades educativas proprias da idade, não há porque deixá-las com terceiros.»

Nesse I Encontro de Diretores de Creches tratou-se, também, da possibilidade de serem as entidades mantenedoras das creches contempla-

das com subvenções municipais.

Na ocasião, o Departamento de Integração Social fez às creches a entrega de centenas de sacos contendo mercadorias apreendidas em feiras livres.

Das mercadorias apreendidas constava muita roupa, calçados, aluminios, brinquedos, louças, fazendas, armários, material de limpeza e produtos perecíveis, como doses, bolachas, verduras, peixes, carnes, frutas e outros. A distribuição foi feita também para entidades assistenciais, perfazendo o total de 69 casas de assistência social beneficiadas.

Creches: o que será em 1990?

THEO DUTRA

A fotografia de uma mãe abraçada a um bebê apareceu, esta semana, em diversos jornais de São Paulo, anunciando a abertura de outra creche paga, na cidade, para atender a uma necessidade cada vez maior: a da mãe que precisa trabalhar e não tem com quem deixar seu filho, até que possa ser colocado num parque infantil, aos quatro anos.

O anúncio é outro sintoma de um problema que a cidade terá de enfrentar logo, para não chegar à situação explosiva de 1990: nesse ano, segundo o Plano Urbanístico Básico — PUB, uma entre cada quatro crianças que nascerem precisará ser abrigada em creches, para que sua mãe possa trabalhar.

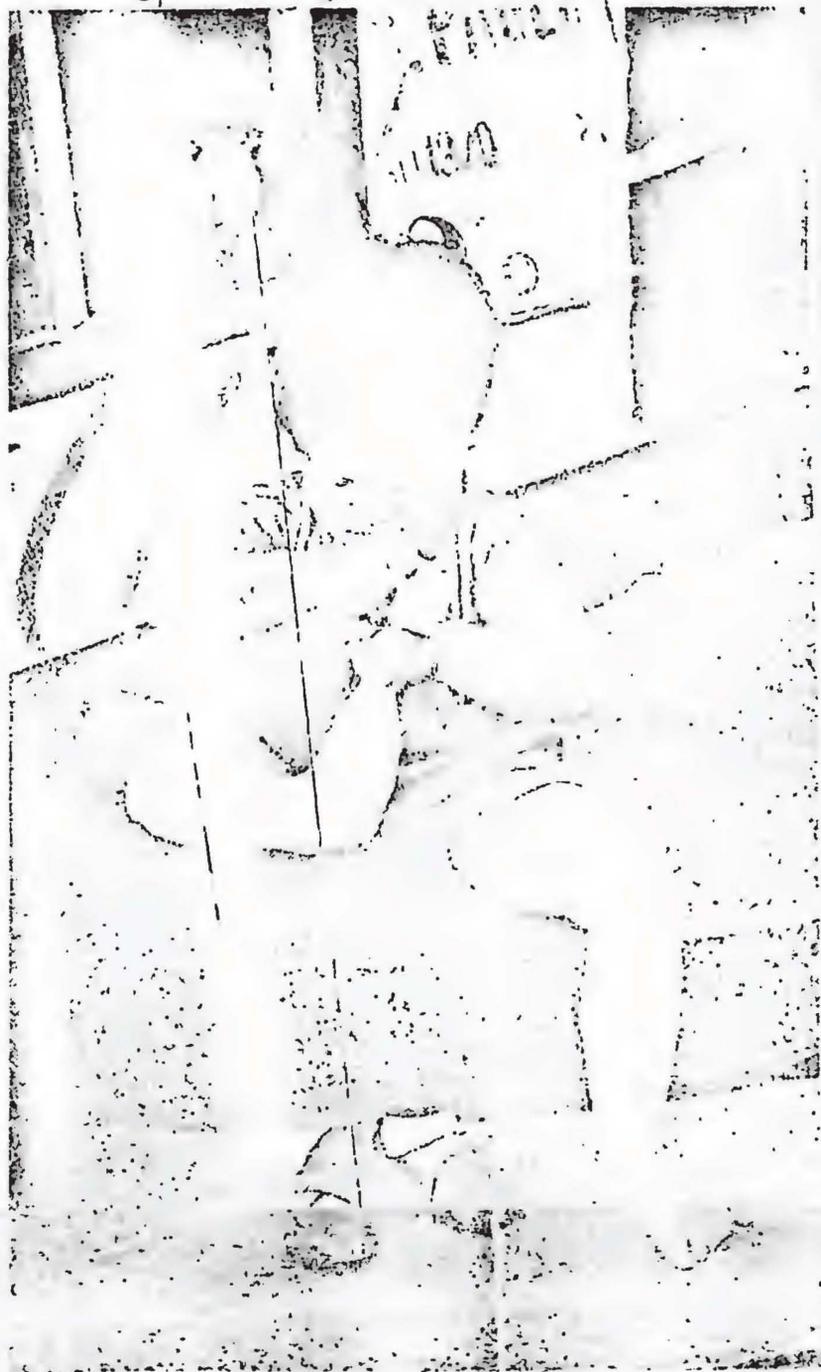
A necessidade de aumentar a renda familiar e a consciência cada dia maior de que o trabalho fora de casa é um imperativo que dignifica a mulher, são as principais razões que levam as jovens mães a procurarem empregos. Hoje, 1.700.000 mulheres de São Paulo trabalham fora de casa. Casadas ou não, com ou sem filhos, elas representam 26,8 por cento da população ativa na cidade.

F150 818130

A Secretaria do Bem-Estar Social, da Prefeitura, fez um levantamento das creches gratuitas existentes: elas alojam 1.780 crianças, apenas um por cento da população infantil entre zero e quatro anos. Segundo o PUB, 10 por cento dessa faixa já deveria estar sendo abrigada em creches gratuitas.

Essa deficiência quase total do serviço é enfrentada pela população com diferentes métodos, cada vez mais problemáticos: as mães que conseguem, deixam as crianças com parentes. As mães abastadas disputam as poucas babás de certa experiência disponíveis, ou arriscam-se com alguma moça "de boa vontade". Para as mães que não podem usar esses expedientes, contudo (e são as que mais necessitam trabalhar), a solução é deixar a criança com uma vizinha, até certa idade, ou abandoná-la na rua durante o dia, sujeita a todos os riscos.

Hoje esses métodos, disseminados pela cidade, não chegam a apresentar resultados sensíveis, mas psicólogos e educadores têm muitas dúvidas para o futuro, se o problema não for solucionado. Em 1990, essas crianças semi-abandonadas poderão ser tantas que ninguém sabe o que acontecerá.



Fotos de Derly Marques e Edvaldo Silva

Ao pé da letra: poucas crianças já vivem em creches.

O assunto já é explosivo

Na Secretaria do Bem-Estar Social o assunto "creches" é considerado "explosivo" por alguns funcionários. O Serviço de Programas Especiais, setor que estuda o problema, já concluiu um relatório sobre a situação. Após sucessivas revisões, o documento vai ser sigilosamente encaminhado ao prefeito Paulo Maluf.

No relatório, há uma análise da situação atual e a proposição de algumas medidas, que serão conservadas em segredo até que o prefeito as examine. Apesar de todo esse mistério, ninguém na Secretaria consegue negar: a situação é quase dramática.

Hoje as creches gratuitas da cidade atendem a um por cento da população infantil. Se essa população permanecesse estacionária, dentro de 20 anos a cidade deveria ter multiplicado por 25 a sua capacidade de atendimento. Isso significa, de acordo com as previsões do PUB, que a Prefeitura, auxiliada ou não por outros órgãos, deveria construir, anualmente, o número de creches que tem hoje, e mais 22 por cento sobre a capacidade atual.

Mas a população infantil da faixa etária crescerá em proporção ao aumento da cidade. E isso significa que a Prefeitura precisará aumentar sua rede de creches em cifra superior à capacidade de 122 por cento ao ano.

A Secretaria do Bem-Estar Social sabe da existência de 41 creches na cidade, cadastradas em seus serviços. Delas, 12 são particulares, sem maiores vínculos com a Secretaria. As outras 29 ou funcionam em prédios construídos pela Prefeitura (15) ou mantêm um convênio pelo qual recebem auxílio mensal para a manutenção de 20 crianças (13 creches). Apenas uma é integralmente mantida pela Prefeitura.

O MAU NÍVEL

Quem cuida das creches geralmente são entidades assistenciais, civis ou religiosas. E quase todas elas, segundo o Serviço de Programas Especiais, não têm condições de manter um padrão razoável de atendimento.

— Uma creche, para funcionar bem, exige alguns técnicos, como recreacionistas, professora, assistente social, psicólogo, enfermeira, médico e nutricionista. E poucas creches têm pessoas desse nível — diz Selene Furquim de Oliveira, assistente social do Serviço de Programas Especiais.

O Serviço fez uma pesquisa nas 29 creches que têm contato mais estreito com a Secretaria. O resultado indicou que apenas 17 dessas creches possuem técnicos especializados. Mesmo assim, não possuem todos eles: ficam com um ou dois, e os outros setores são prejudicados.

Porque são gratuitas, ou quase, as creches têm um grande problema de subsistência. Isso se reflete nos baixos salários dos funcionários. O resultado final do diagnóstico é evidente, e foi confirmado pela pesquisa: as pedreiras funcionários no nível de qualificação — primário ou apenas alfabe-

— as assistentes sociais, a Secretaria, esse é o problema: nem até a cozinheira, passando pela lavadeira e pelo faxineiro, todos os funcionários de uma creche têm contato com as crianças, pelo menos de passagem. E as vezes precisam substituir pessoas que lidam diretamente com a «cliente-la», porque faltaram ao serviço.

— Nessas condições — diz a assistente social Maria Christina Louzado Amaral — todos os funcionários precisam ter alguma noção dos problemas ligados ao tratamento da criança, para que a creche não prejudique sua formação, em vez de auxiliá-la.

SOLUÇÃO: CURSOS?

Em junho deste ano, foi realizado um treinamento teórico-prático para pessoal não qualificado que trabalha em creches. O objetivo era superar, em parte, a deficiência técnica dos funcionários das creches. Participaram do curso 206 funcionários, representando 26 das 29 creches ligadas mais intimamente à Prefeitura.

As aulas abrangeram desde organização e administração de uma creche até noções de nutrição e cardápio. Pensa-se agora num curso mais intenso de relações humanas. Um dos planos do Serviço, para tentar «tapar os buracos» do setor é treinar pessoas da comunidade em que a creche funciona, funciona, para que possam substituir funcionárias, nos dias em que elas faltam.

São planos pequenos, para uma cidade que, hoje, deveria já abrigar em instalações convenientes pelo menos cinco vezes mais crianças do que pode receber. A necessidade de se formarem técnicos altamente especializados para a «grande tarefa» prevista pelo PUB para 1990 deveria já estar no mínimo começando, segundo diversas educadoras não ligadas à Prefeitura.

Como argumento, elas afirmam, numa comparação dramática: «creche não é garagem de criança». Em outras palavras: não basta que a criança fique depositada num lugar, dos zero aos três ou quatro anos. É preciso que esse lugar esteja apropriado para receber essas crianças dando a elas as necessárias condições para que se desenvolvam, no mesmo ritmo que teriam em sua casa.

Para 1975, o PUB prevê a necessidade de a cidade poder receber, em creches, a 10 por cento da faixa etária entre zero e quatro anos. E

uma realização quase impossível: seria preciso que a Prefeitura construísse e colocasse em funcionamento, por ano, o dobro das creches que possui, ou com quem mantém convênio atualmente.

De outro lado, restaria a tarefa de dar a essas creches a possibilidade de desempenharem um trabalho proveitoso para as crianças — em lugar de torná-las piores, agravando as deficiências sociais com problemas de desenvolvimento individual.

O Serviço de Programas Especiais, numa linha definida por sua assistentes sociais como "realista", considera uma "media ideal" boa, para uma creche a quota de 10 crianças a cargo de uma pajem. Mas essa medida, que nem é atingida ainda, é considerada excessiva por uma psicóloga, a dra. Betty Katzenstein: ela acha que o ideal são quatro crianças a cargo de uma pajem, mas dá um desconto em vista das proporções do assunto — e aceita que seis crianças poderiam ser cuidadas por uma pajem, sem problemas muito graves.

Numa época em que um quarto das crianças recém-nascidas precisarão ser cuidadas por organismos públicos, educadores acham que uma intensa atividade de pesquisa deveria ser feita: é preciso diminuir ao máximo os riscos de que considerável parcela de uma geração se exponha a distorções e problemas advindos de um mau sistema assistencial.

Nessas condições, segundo um professor, era preciso que se criasse, rapidamente, uma creche-modelo, onde pudessem ser estudados métodos corretos de educação e treinamento, para que fossem aplicados nas demais creches — o mesmo trabalho executado hoje nos cursos pre-primário, primário e ginasial. Essa creche-modelo serviria, também, para a formação de técnicos especializados no tratamento de crianças de zero a quatro anos.

Se sua criação é planejada, ninguém sabe. Mas, segundo alguns educadores, seria uma boa sugestão para ser colocada nos planos — tão sigilosos até agora — elaborados pela Secretaria do Bem-Estar Social, e a serem entregues ao prefeito nos próximos dias.

**Prefeitura
dá diploma
a 300 pajens**

Trentas novas funcionárias para creches da Prefeitura receberam certificado de conclusão do curso patrocinado pela Secretaria do Bem Estar Social visando a preparação de pajens com conhecimentos de enferma-

gens, atencentes, pessoal de cozinha, limpeza e lavanderia.

As novas formadas já trabalharão nas 29 creches supervisionadas pela Secretaria do Bem Estar Social.

ABUSO E INTIMIDEM. ... CRIANÇAS

F/ SP 11/8/70 1/16

Colocada numa creche desde cedo a criança, já aos três anos de idade, pode apresentar sensível atraso em relação a outras crianças que cresçam em casa. Esse atraso ocorre em alguns dos principais setores que o bebê desenvolve nos primeiros tempos de vida, e que a creche desaparelhada não consegue superar. São pequenos atrasos na fala, na sociabilidade, na motricidade (gestos e movimentos) e na coordenação visual-motora.

Esses dados foram obtidos por Hans Huber numa pesquisa realizada em creches alemãs e publicada em seu livro "Frustração na Primeira Infância". Ele examinou inúmeras crianças criadas em creches antes de completarem 6 meses de vida, e comparou a sua evolução à das crianças que cresceram em casas de família. As diferenças foram sensíveis.

— Em creches, a criança não desenvolve a fala porque as pagens não têm tempo para conversar. Elas têm poucos objetos para brincar, e por isso também não desenvolvem suas aptidões.

A psicologia Betty Katzenstein, que dedica todo o seu tempo de trabalho às crianças (e aos adultos, quando seus conflitos é que geram os problemas do filho), preocupa-se com o problema das creches na medida em que podem favorecer ou dificultar a evolução da criança. Ela reconhece que a creche é necessária, mas não acredita que supra as necessidades da criança se não tiver orientação e instalações adequadas.

— A criança precisa entrar em contato todos os dias com a mesma pessoa. Criança nunca pode sofrer trocas, sejam de pajem ou de mãe.

A mesma pagem pode ter, com a criança, um contato afetivo indispensável para sua evolução, durante longos

tempos de contato. Arna Freud e Dorothy Burlingham, estudando crianças que viviam em creches, durante a II Guerra, concluíram que as crianças ficaram mais atrasadas em certas áreas porque ressentiram-se de laços afetivos mais intensos.

O problema também foi estudado por outro professor europeu, René Spitz — informa a dra. Betty Katzenstein. No nível psíquico, ele é caracterizado como "hospitalismo" — a frustração afetiva que ocorre muitas vezes com crianças que ficam longos tempos no hospital, e não têm maior contato com suas mães.

UM GRANDE PROBLEMA

É por esses fatores que a dra. Betty acredita que as creches só atinjam resultados positivos quando todo o pessoal envolvido no trabalho for dotado de razoáveis conhecimentos técnicos — principalmente no tocante à psicologia da criança.

— São pequenos aspectos que quase não se notam. Mas todos contribuem para a evolução. Quando uma criança deixa de urinar na calça, isso tem o sentido de gratificação para a mãe. E é preciso que haja correspondência.

Para a dra. Betty Katzenstein, o problema de uma técnica adequada está preso ao de instalações necessárias. Uma pesquisa realizada em Viena mostrou que, numa creche convencional, a criança tem 3 ou quatro objetos para brincar (ela evolui brincando, quando faz suas «descobertas»). Em casa, segundo a pesquisa, há pelo menos 70 objetos desse tipo: tudo é objeto de «pesquisa» da criança, desde o pé da mesa até a tampa de panela.

— As creches costumam ser muito higienicas, com suas paredes brancas e suas funcionárias de aventais. Mas

não há, aí, o contato afetivo, nem um bom campo para as experiências das crianças. Sem isso, a creche perde boa parte de suas possibilidades.

São essas possibilidades que fazem com que a professora Helena Yasbeck, diretora da Escolinha da Monica que mantém um curso maternal, para crianças (a partir de dois anos e meio), admita a necessidade de uma educação anterior ao pré-primário.



Como pegar à unha um problema que cresce com os anos?



Qual o equilíbrio do bebê?

— A criança deixa de ser, cada vez mais, uma pessoa que cresce sem maiores atenções. Foi demonstrada a importância da educação pré-primária, já a partir do curso maternal. No futuro, uma educação especializada antes dessa idade apresentará resultado ainda melhor.

Para ela, a educação em grande parte é um problema de atitudes perante a criança. «As mães sabem, hoje, perfeitamente o que não devem fazer. Mas continuam fazendo».

Neste sentido, ela acredita que já se deva treinar um pessoal especializado para ter atitudes adequadas diante da criança. Esses técnicos dariam ao bebê recém-nascido

uma série de exercícios, que ele faria como se estivesse brincando e que facilitariam o seu desenvolvimento. São exercícios que, muitas vezes, a mãe não pode propiciar em casa ao filho, porque está ocupada com outras atividades, do tipo cozinha e limpeza.

Helena Yasbeck é procurada por muitas mães que desejam colocar seus filhos na escola antes da idade reconhecida como boa para um curso maternal. É a mesma situação de outras professoras de cursos maternais, que chegaram a uma conclusão: muitas mães, hoje, desejam para seus filhos uma orientação especializada praticamente desde que nascem.

É essa orientação que, dentro de 20 anos, será o único recurso para as mães de 25 por cento das crianças recém-nascidas da cidade. Para toda essa faixa da população, o futuro é uma grande incognita, em que seus filhos terão boas ou más condições de vida em razão do tratamento que receberam nos primeiros anos de existência.

As pesquisas de Hans Huber, na Alemanha, levaram-no a sérias conclusões a respeito do tratamento em creches para crianças recém-nascidas. Depois de constatar que as crianças apresentavam um sintoma agudo de abandono no primeiro ano de vida, Hans Huber diagnosticou quatro tipos de atitude da criança, a partir do segundo ano de vida, e daí em diante: crianças que pararam na fase da procura de contato superficial com outras pessoas, sem possibilidade de uma ligação mais profunda; crianças fixadas predominantemente em reações de protesto; crianças em atitudes de rejeição angustiada; e crianças que adotaram um estado de passividade e indiferença.

Em suas conclusões, ele aponta como alguns dos fatores que levam a essa situação, os poucos estímulos para o desenvolvimento, a falta de individualização das pagens, que se constituem apenas de adultos femininos de avental, a impossibilidade de realizar experiências ou descobrimentos. E, principalmente, os traumas decorrentes de mudanças das crianças, de uma seção para outra, e pelas trocas dos funcionários que tomavam conta delas.

— É preciso encender — diz a dra. Betty Katzenstein, — que as creches, se funcionam como locais apenas onde a criança é deixada, trazem os mesmos problemas interiores do abandono e da falta de afeto. Devemos elaborar um sistema que possibilite dar à criança aquele contato afetivo, sem o qual todo o trabalho corre o risco de ser inútil.

Enquanto

27 SET 1970

não há

J. BRASIL
27/9/70

creches,

o improviso

11¹⁰ ph

TERESA BARROS



Em relação às creches: enquanto não se pode contar com uma rede que realmente funcione, as soluções temporárias e de emergência estão por aí — para quem pode pagar, mesmo que seja um pouco menos do que se paga a uma babá.

São enfermeiras especializadas, **baby-sitters**,¹ que trabalham por hora, elas próprias funcionando como se fôsem a célula de uma creche, com quem as mães de classe média podem deixar seus filhos.

Por outro lado, começam a surgir, através anúncios de jornal, senhoras, oferecendo-se para tomar conta de filhos de mães também classe média, também profissionais de qualquer atividade.

Ambas as modalidades são de emergência. E vêm provar a deficiência desse tipo de assistência, apesar de que, no improviso, acabam sendo a solução (provisória) para muita gente.

Boas intenções, nível cultural e conhecimento do problema podem criar um bom serviço de atendimento à mãe que trabalha: dessa forma surgiu o Baby Service, que, funcionando precariamente numa sala na Zona Sul e ainda às voltas com alvarás e licenças, poderá se transformar numa solução de emergência para quem precisa trabalhar fora.

Suas criadoras, uma assistente social desde 1954, que já trabalhou em favelas e conjuntos habitacionais e uma funcionária pública, não inovam a idéia — velha nos grandes centros populacionais da Europa e EUA — mas renovam o velho conceito da babá-megera, da babá-doméstica ou da agregada-para-todo-serviço.

— Temos um curso de cinco meses, não obrigatório, para aquelas que queiram melhorar seu nível cultural e, conseqüentemente, seu mercado de trabalho. Isso não significa que não dispomos de moças cujo ordenado não ultrapassa Cr\$ 100,00 e se satisfazem com isso, porque nada têm a oferecer. Mas tam-



cializadas, e que conseguem ganhar até Cr\$ 500,00.

MAIS HUMANIDADE

A Baby Service descófia das agências e não quer funcionar como tal: "A agência costuma ser fria, desumana, exploradora e de caráter meramente comercial."

— Tenho contato com domésticas todo dia e vejo que a maioria quer ser respeitada como qualquer outro empregado, no seu vínculo com o patrão. Oferecem boa aparência, frequentam o curso para aprender Puericultura e Higiene, se alfabetizam, trazem uniformes limpos e querem permanecer no emprego, mas, em troca, desejam bons salários e tratamento mais humano.

MAIS PSICOLOGIA

O tratamento humano costuma ser confundido, algumas vezes, com baixos salários e troca constante de babás, uma atitude "desastrosa", segundo D. Jeni.

MAIS ACESSO

Mas o Baby Service é inacessível para a baixa classe média. O que D. Jeni diz reconhecer ser "um problema." Além das babás fixas, o Baby Service oferecerá também enfermeiras, *baby-sitters* para as horas do dia — môças de bom nível cultural e social que precisam pagar os estudos — e senhoras para as horas da noite, "senhoras de todo respeito, viúvas, solteiras, aposentadas, não simples babás."

— Queremos começar em breve um serviço que atenda as mães trabalhadoras de todos os níveis sociais, com babás horistas para emergências, mas tudo vai depender do que poderemos fazer agora.

Quando o Baby Service realmente começar a funcionar numa sala ampla na Zona Sul, outras mães poderão ter um pouco mais de sossego enquanto trabalham, mesmo que isso lhes custe metade do salário ou roube 20% da renda familiar: entre várias mães trabalhadoras com filhos pequenos, entrevistadas, mais da metade prefere continuar no emprego, única via de acesso existente entre a sobrevivência e a babá.

BEBÉS IMPORTANTES

D. Ana cuidou pessoalmente de muitos bebês importantes: com suas mãos e experiência instintiva, banhou, alimentou e diver-

TEM VARIAS CRIANCAS DE
ALTA CLASSE MEDIA
CARIACA

rioca. Hoje, está em dificuldades — "as crianças cresceram" — no minúsculo apartamento conjugado, de paredes azuis desbotadas, móveis em mau estado, em um prédio com mais de 50 apartamentos por andar. No entanto, é uma enfermeira, uma babá dedicada:

— Meu filho quebrou a bacia, eu não posso sair de casa e não vejo outro jeito senão pôr anúncio nos jornais me oferecendo para cuidar de crianças enquanto as mães trabalham.

LEITE E OVOS, PÃO E MANTEIGA

Cabelos já grisalhos, alta e frágil, por trás dos óculos de lentes grossas, suas mãos se movimentam ágeis enquanto fala, com a destreza de quem troca as fraldas de um bebê ou prepara o leite bem batido.

— Já cuidei de muitos bebês. Cobrava mais de Cr\$ 800,00 por mês para cuidar das crianças.

MAIS UMA CAMA

Como várias outras mulheres de classe social mais baixa — e é a maioria que coloca anúncios nos jornais se oferecendo elas próprias como creches — D. Ana sabe que não tem conforto, nem condições de ter mais que três crianças em casa. Mas não se recusa a ficar com uma durante a noite, pois "vou comprar mais uma cama."

BOA HOSPEDAGEM

"Barulho aqui não tem. A menina levanta e sai para trabalhar. Vou pôr uma cortina para dividir o quarto da sala, comprar um sofá melhor, mais moderno", diz ela. E, durante o dia, "fico com as crianças em casa, sem receio de que alguma mãe reclame da hospedagem."

— Eu sei também que quem virá me procurar não deve ter dinheiro para pôr uma babá, que custa caro.

EM CRECHE, NÃO

D. Ana está confiante: "Dou referências do meu trabalho." E está confiante no auxílio que prestará a muita mulher que não sabe onde deixar o filho, que não tem dinheiro para uma solução mais confortável."

E terminando: "Com criança, a gente deve ter cuidado e paciência, porque ela não sabe o que está fazendo."

E mais: "Por Cr\$ 100,00 por mês, eu acho que está bom: vou dar verduras, leite, ovos e CARNE TODO DIA, MINGAU, SOPINHA"

Marque a hora, dia e mês para o nascimento de seu filho

FISP 11/12/70
EYMAR MASCARO



Está cada vez mais fácil para a criança nascer. A ciência domina quase todos os mistérios do parto.

Dentro de um ano, aproximadamente, qualquer pai poderá marcar a hora, o dia e o mês de nascimento de seu filho, com uma vantagem: sua mulher não precisará sofrer qualquer intervenção cirúrgica. A criança nascerá naturalmente, à hora em que o médico-parteiro quiser. Basta que ela tome, sob prescrição médica, um medicamento que será lançado no mercado dos Estados Unidos, à base do hormônio Prostaglandine, cujo produto será fabricado pelo laboratório Upjohn.

Há 40 anos que se desenvolvem pesquisas nos Estados Unidos, Suécia e Uganda, na África, sobre o hormônio Prostaglandine, com sucesso absoluto, segundo declarou o médico Paulo Belardi, diretor científico da Upjohn em São Paulo. As experiências realizadas deram um resultado positivo em mais de 90%: 29 de 35 mulheres submetidas ao produto foram bem sucedidas. Com um dos tipos de fração do hormônio Prostaglandine os pesquisadores interromperam com sucesso a gravidez em 14 das 11 mulheres as quais se administraram o produto.

O dr. Paulo Belardi considera esta a maior descoberta da década de 70 e os corticoides nos anos 50. Segundo ele, "podemos hoje afirmar com toda garantia que vamos fazer o parto com dia e hora marcados com possibilidade de 100% de ex-

istatística". Afirma o dr. Belardi que quando da necessidade de se interromper uma gravidez, por força maior e sob indicação médica, "vamos poder usar o produto na mulher sem que se recorra a um traumatismo cirúrgico". Acrescentando:

— Existem outras aplicações do hormônio Prostaglandine, mas ainda não temos estudos suficientes para delimitar as mesmas, mas de especial interesse estaria incluída a cura da asma, na qual hoje se trabalha, bem como o controle da pressão arterial e da filtração renal.

Este será o primeiro produto no mundo que dará a qualquer pai a facilidade de marcar a hora de nascimento da criança, evitando que a mulher que não tenha parto normal sofra uma intervenção cirúrgica. A substância é cristalina (para ser conservada suas propriedades) e, segundo médicos, menor será a quantidade a ser aplicada na vela da mulher quanto mais adiantado estiver o tempo de gravidez.

O dr. Paulo Belardi acredita que ano mais tarde um produto à base do hormônio Prostaglandine será lançado pela Upjohn, nos Estados Unidos, em "um ano e meio". Uma incógnita persiste se o mesmo produto poderá ser vendido no Brasil, pois nossa concepção sobre tais produtos difere muito da das autoridades norte-americanas: é que este produto poderá interromper uma gravidez em qualquer época.

As datas importantes da grande descoberta

1930: — Uma observação de que o útero humano poderia reagir por meio de fortes contrações ou relaxando-se pela inalação de semem humano fresco foi relatado por dois ginecologistas de Nova York: os drs. Ralph Kuzrok e C. C. Lieb.

1933/4: — foi descoberto um fator independentemente pelo dr. Goldblatt na Inglaterra e Von Euler na Suécia. O primeiro no líquido seminal humano; o outro nas vesículas seminais de carneiro. Esses estudos demonstraram uma atividade musculo-estimulante e vasodilatadora.

Até 1940: — O dr. Goldblatt desistiu de pesquisar e o dr. Euler continuou estudando, batizando o hormônio de Prostaglandine. Com a guerra os estudos foram interrompidos com exceção do dr. Bergstrom no Karolinska, que prosseguiu pesquisando muito devagar e até 1956 conseguiu provar que os Prostaglandines eram ácidos graxos não saturados.

1956: — O dr. Welsblat, responsável pelas pesquisas e desenvolvimento farmacológico da Upjohn designou uma verba muito grande para o dr. Bergstrom a fim de que ele pudesse contar com muitas toneladas de vesículas seminais de carneiro de todos os países baixos a fim de isolar, purificar e elucidar a estrutura das várias Prostaglandine.

1959: — O dr. Bergstrom e o dr. Sjovall (suecos), isolaram em forma pura e cristalina as duas primeiras Prostaglandines (de vesículas seminais do carneiro), respectivamente PGE-1 e PGF-1. Ambos os compostos eram extremamente potentes na contração muscular, mas só a PGE-1 era ativa para re-

duzir a pressão arterial. Nesta ocasião foi que o dr. Bergstrom administrou pela primeira vez um Prostaglandine, o PGE-1, num ser humano, obtendo um aumento do sistema cardíaco e uma ligeira queda da pressão arterial.

1962: Esses mesmos médicos conseguiram determinar a estrutura química desses dois compostos: PGF-1 e PGE-1.

1964: A Upjohn, em colaboração com pesquisadores suecos e holandeses, conseguiu fabricar in vitro a primeira Prostaglandine, por um método patenteado pela companhia e que possibilitou o envio das primeiras amostras a centros de estudos do mundo todo.

Junho-1966: Pela primeira vez produziu-se em Michigan, na Upjohn, um Prostaglandine totalmente sintético. Os pesquisadores foram os drs. Phillip Seal, John Babcock e F. H. Lincoln.

Junho-1968: Conseguiu-se a síntese de mais 5 Prostaglandines, e em dezembro do mesmo ano o grupo da Upjohn (drs. Pike e Schneider) conseguiu uma síntese total, agora em forma cristalina da Prostaglandine E-1, bem como de outros Prostaglandines também.

1969: O dr. Karim usou com sucesso a Prostaglandine E-2 e AF-2 para induzir o trabalho de parto.

1970: Os drs. Karim e Bergstrom relatam o uso da Prostaglandine F-2 para provocar um aborto terapêutico. Ainda em 70 vários grupos de estudos foram iniciados nos Estados Unidos, sob a supervisão da Upjohn, orientados para a indução do parto.

Observação: Os dados foram fornecidos pelo Departamento Científico Upjohn, em São Paulo.

Os cientistas em busca de um segredo fascinante

De Michigan até a Suécia e Uganda (África), cientistas e médicos clínicos estão numa caçada a toda velocidade aos segredos fascinantes e frustrativos das Prostaglandines, substâncias graxas misteriosas que aparentam desempenhar um papel vital na preservação da saúde e do bem estar humano, é o que revela um trabalho científico dos EUA.

Explica o dr. Paulo Belardi que desde a descoberta dos hormônios em 1930 — encontrados em quantidades infinitas tanto na espécie humana como nos animais — muitos cientistas passaram a investigar o que estas substâncias fazem, como o fazem e quais as possíveis aplicações em benefício da saúde do homem.

A princípio conseguiu-se descobrir que eles possuíam alguma ação nos seguintes fenômenos: regulação da menstruação, da fertilidade, da concepção e nascimento. Possuíam, também, um nítido relacionamento sobre a ulcera péptica, a trombose e no controle da pressão arterial. Um grande passo foi

dado nestas pesquisas entre 1957 e 1959, quando o dr. Bergstrom (do Karolinska Institute de Estocolmo) conseguiu pela primeira vez isolar duas frações de Prostaglandine em forma pura e cristalina. Nesta época a primeira administração deste hormônio nas pessoas humanas — segundo o dr. Paulo Belardi — foi relatada por Bergstrom. O resultado foi: incremento do batimento cardíaco com uma ligeira queda da pressão arterial.

A Upjohn desenvolveu papel de liderança nestas pesquisas durante 14 anos, em Michigan, através de seus departamentos de pesquisas químicas e biológicas, colaborando com outros investigadores, principalmente no sentido da biosíntese, da síntese total, bem como tornar possível a obtenção de quantidade suficiente de Prostaglandine, a fim de possibilitar a instalação de estudos pelo mundo inteiro. Nesse laboratório serviu de coordenador de todos esses estudos, coletando dados de investigadores e fazendo publicações de 4 em 4 meses, que

eram remetidas posteriormente a todos eles.

Em 1970, o dr. Karim (Universidade de Uganda) e o sr. Filshie, de Londres, relataram numa revista inglesa (Lancet) de publicações apenas médicas e científicas, que eles haviam usado uma das frações da Prostaglandine (chamada F-2) para interromper com sucesso a gravidez em 14 das 15 mulheres às quais se administraram esta fração por via endovenosa, em infusão (a revista não revela em que mês e porque a gravidez foi interrompida).

Ao mesmo tempo — segundo o dr. Belardi — com o relatório desses dois cientistas, o dr. Marc Bygdemann, também do Karolinska Institute realizou outros estudos com esta fração — PGE-2 — também com o mesmo sucesso. Um outro estudo foi realizado pelo dr. Karim para induzir o parto por ocasião da gravidez completa ou muito próximo do termo (gravidez de 9 meses). Vinte e nove das 35 mulheres submetidas ao produto foram bem sucedidas.

Explica o dr. Belardi que os mesmos pesquisadores estudaram uma outra fração deste hormônio, denominada E-2 (PGE-2) nas mesmas indicações do PGE-2, com os mesmos resultados. Os casos de insucesso relatados por esses dois grupos de cientistas (drs. Bergstrom na Suécia e Karim em Uganda) foram revisados:

«Como eles usavam técnicas exatamente iguais, quantitativa e qualitativamente, chegaram a uma série de conclusões: 1 — que a quantidade necessária para induzir o parto está relacionada com o volume do útero e que as mulheres de útero de volume maior foram as que não conseguiram entrar em trabalho de parto; 2 — além deste fator, uma série de outros: velocidade de administração, estado de adiantamento de gravidez também influem na quantidade; necessária para iniciar o trabalho do parto, isso é: quanto mais próximo do termo (do parto) menor a quantidade necessária de Prostaglandine para induzir o parto.